

Ancestralidade e Identidade no Conto “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo

Jéssica Ibiapino Freire (UNIFESSPA)*

<https://orcid.org/0000-0003-0871-2515>

Maria Anice Viana de Azevedo (UNIFESSPA)**

<https://orcid.org/0000-0002-0353-1574>

José Rosa dos Santos Júnior (IFPA/UNIFESSPA)***

<https://orcid.org/0000-0001-6411-4048>

Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar o conto “*Olhos d’água*”, presente na coletânea homônima da autora Conceição Evaristo, evidenciando seus aspectos ancestrais e identitários. Para isso, utilizou-se de postulados teóricos cunhados por Andrade (2018), Eduardo de Assis Duarte (2011), Bell Hooks (2013), Evaristo (2016), Fanon (2020), Stuart Hall (2015), Dalcastagnè (2008) dentre outros. A literatura de Evaristo se articula sobre o que ela conceitua como “*escrevivência*”, expressão vocabular que traz à cena as noções de *escrever*, *viver* e *ser*, segundo a autora. Fica claro que essa escrita é interpelada por um lugar de mulher negra, uma vez que tanto a condição de gênero quanto a de raça potencializam a escrita dessa intelectual, por se tratar de um *locus* e de uma autoria que carrega tanto as marcas da subjetividade desses lugares de fala, como a especificidade que permeiam tais condições. Busca-se, nesse trabalho, verificar como o conto apresenta a necessidade de reatar o elo com a ancestralidade e a procura pela identidade, representadas pela imagem dos olhos. Assim, constatou-se que o conto aborda a dor da pobreza, o lirisismo transgeracional de mulheres negras, memórias afetivas de infância, e o mistério da cor dos olhos da mãe da protagonista, que precisa se (re)descobrir por meio do retorno às suas origens, a fim de enxergar a si mesma, a sua história, a história de sua filha e assim resgatar sua identidade.

Palavras-chave: Ancestralidade; Conceição Evaristo; Olhos d’água; Identidade.

* Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0899131660419515>. E-mail: jessica.ibiapino2014@gmail.com

** Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2243810178033550>. E-mail: anice_banhos@yahoo.com.br

*** Doutor em Literatura e Cultura (UFBA). Professor do Instituto Federal do Pará – Campus Marabá Industrial. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7428380031782023>. E-mail: juliteratta@gmail.com

Résumé:

Ascendance et identité dans le conte “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo

Cet article vise à analyser la nouvelle “Olhos d’água”, présente dans le recueil homonyme de l’auteur Conceição Evaristo, en soulignant ses aspects acentral et identitaire. Pour cela, nous avons utilisé des postulats théoriques organisés par Andrade (2018), Eduardo de Assis Duarte (2011), Bell Hooks (2013), Evaristo (2016), (Fanon 2020), Stuart Hall (2015), Dalcastagnè (2008) entre autres. La littérature d’Evaristo articule ce qu’elle conceptualise comme “l’écriture”, une expression de vocabulaire qui met en scène les notions d’écrire, de vivre et d’être, selon l’auteur, il est clair que cette écriture est remise en cause par une place des femmes noires, un depuis tant les conditions de genre que de race valorisent l’écriture de cet intellectuel, car c’est un lieu et une paternité qui portent à la fois les marques de la subjectivité de ces lieux de parole, ainsi que la spécificité qui imprègne ces conditions. L’œuvre cherche à vérifier comment la nouvelle présente le besoin de renouer avec l’ascendance et la recherche d’identité, représentée par l’image des yeux. Ainsi, le conte aborde de manière littéraire la douleur poétique de la pauvreté, le lyrisme transgénérationnel des femmes noires, les souvenirs d’enfance affectueux, et le mystère de la couleur des yeux de la mère du protagoniste, qui a besoin de se (re)découvrir à travers le retour à ses origines, afin de voir elle-même, son histoire, l’histoire de sa fille et ainsi sauver son identité.

Mots clés: Ascendance; Conceição Evaristo; Yeux d’eau; Identité.

Introdução

O objetivo central deste estudo é analisar o conto “Olhos d’água” que dá título à obra homônima da escritora Conceição Evaristo, publicada pela editora Pallas em 2015. Para contextualizar a obra em análise, traçou-se, inicialmente, um breve panorama da Literatura Afro-brasileira, destacando a importância da escritora para o cenário literário nacional; sua “escrivência”, visando possibilitar um mergulho mais profundo em sua obra. Em seguida faz-se, inicialmente, a análise do conto buscando registrar nossa leitura a fim de construir pontes, ao longo dela, que nos servirão para as reflexões posteriores, desenvolvidas durante o processo analítico para, posteriormente, evidenciar

o retorno da personagem aos seus vínculos ancestrais na busca por sua identidade, metaforizada nos “olhos d’água”.

Literatura Afro-brasileira e a importância de Conceição Evaristo

Eduardo de Assis Duarte, em seu artigo teórico-conceitual “Por um conceito de Literatura Afro-brasileira” (2011), afirma que a literatura afro-brasileira do início deste século traz na prosa e poesia um *corpus* ampliado, rico em realizações e descobertas. O crítico ressalta que a cada dia a pesquisa não só comprova a existência dessa literatu-

ra, como nos mostra o vigor e a contemporaneidade de tal escritura. Concluiu: “essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa”.

É, portanto, no âmbito dessa expressão historicamente múltipla e desprovida de unidade que se abre espaço para a configuração do discurso literário afrodescendente em seus diversos matizes. Para além das discussões que existem em torno da literatura afro-brasileira, alguns traços identificadores foram elencados por Eduardo de Assis Duarte:

uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (DUARTE, 2011, p.04).

Constituindo esse universo distinto de autores afro-brasileiros, destaca-se a escrita pungente de Maria da Conceição Evaristo de Brito, romancista, contista e poetisa mineira, nascida em Belo Horizonte, em 24 de novembro de 1946, titulou-se Mestre em Literatura Brasileira pela (PUC — Rio) e Doutora em Literatura Comparada pela (Universidade Federal Fluminense); escritora negra de projeção nacional e internacional. Mais que representante de uma literatura de autoria feminina, Conceição Evaristo traz arraigado em seus textos o “olhar” da mulher negra, seus eu-líricos e vozes narrativas refletem sobre temáticas diversas, porém evocam a memória ancestral, sob a perspectiva de quem vivenciou ou testemunhou as agruras de ser mulher, afrodescendente e de baixa renda, na conjuntura social brasileira,

patriarcalista e segregacionista. Ressalte-se que, em suas obras, a autora mineira concede acesso ao “lugar de fala” a narradores cujas vozes, em sua maioria femininas, informam acerca da opressão e da violência, no entanto critica-se uma sociedade triplamente excludente quando se trata das “cidadãs” brasileiras, assim referendadas na constituição, mas excluídas, marginalizadas e subalternizadas.

A sua “escrevivência”, como assim denominou a escritora, procura construir pontes entre o passado e o presente, com a memória e a vida, conseguindo contar, através de sua produção cultural, a experiência e a sabedoria das mulheres das várias gerações. De fato, a própria condição social da autora foi fundamental na criação de suas obras literárias, escritas que conseguem simbolizar também a trajetória de resistência de toda a comunidade feminina negra.

A obra de Conceição Evaristo não deixa dúvidas quanto ao engajamento na denúncia da condição feminina e afrodiáspórica, num país governado pela hegemonia dos valores brancocêntricos, herdados de três séculos e meio de escravatura: “minha escrita está sempre marcada pela condição de mulher negra na sociedade brasileira”, afirma a autora em diversas entrevistas e palestras. Com efeito, seus escritos se destacam por expressar um território feminino de onde emana um outro olhar e uma discursividade singular. É desse lugar marcado pela etnicidade, mas também pela maternagem e pela sororidade, que ecoam as vozes-femininas. Ao fazer ressoar a voz de uma multidão de mulheres negras e de seus filhos, habitualmente silenciadas, a escritora realiza, irreversivelmente, essa potência.

Conceição Evaristo com sua “escrevivência” surge como essa voz que assegura às mulheres negras um lugar que reivindica

um pertencimento social, étnico e de gênero, na grande maioria de suas obras literárias. Aponta para um comportamento literário que denuncia o “pensamento sexista/racista sobre a identidade feminina negra” (HOOKS, 2013, p. 469).

O caminho “escrevivo” pela autora e outras intelectuais negras, propondo teorias como cura, como bálsamo, como lugar de pertencimento, dialoga com bell hooks:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível *apaziguar um pouco a dor*, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2017, s/p).

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (HOOKS, 2013, p. 83).

Se a memória familiar e cultural fortalecem e amparam essas escritoras, as violências e as dores da escravidão também a impulsionam para a escrita. A literatura dessas mulheres da diáspora negra vai além do eu para abarcar experiências, tempos e espaços coletivos. Ao abordar as ausências recorrentes na literatura brasileira contemporânea, Regina Dalcastagnè (2008, p. 87) reitera que, quando “séculos de racismo estrutural afastam” as pessoas negras “dos espaços de poder e de produção de discurso”, o mesmo desequilíbrio ocorre na literatura, onde “são poucos os autores negros e poucas, também, as personagens”.

Conceição Evaristo conhece as barreiras de perto e trabalha para denunciá-las e removê-las. “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21). Apesar de todo o sofrimento, a esperança e a magia estão presentes na literatura e resistem na força ancestral e no sonho da liberdade que permite voar, como na narrativa que inicia com o conto “Olhos d’água”.

Nas bordas dos “Olhos D’água”

Os Estudos literários nos mostram que a representação do negro na literatura brasileira reforça, com frequência, diversos estereótipos, fomentando um desserviço a essa parcela da sociedade, que, por muito tempo, é tratada como subalterna e inferior. A presença de personagens negros na literatura, quando há, dá-se, na maioria das vezes, em papéis secundários de coadjuvantes ou de vilões. Representantes negros no protagonismo não são muito encontrados e, quando são, estão quase sempre presos a ambientes predeterminados.

A pesquisa coordenada por Dalcastagnè compila dados desde 1965, e o que se enxerga é a continuidade, quando não a piora, do cenário de homogeneidade que se estende também para outros setores da sociedade. Ao contrário do cenário feminino, em que o número de mulheres autoras cresceu nos últimos 20 anos — apesar de ainda ser muito mais baixo que o de autores —, o número de escritores negros se manteve praticamente o mesmo. Segundo Dalcastagnè (2008), historicamente há uma série de questões envolvidas nessa disparidade, mas a permanência do cenário mostra uma especificidade do mercado. “Talvez eles não sejam editados porque são sempre encarados como uma literatura de nicho”. Mas,

nos últimos anos, observa-se que cresce um movimento em sentido contrário, liderado pelos autores que fazem parte desse grupo e que passaram a contar suas próprias histórias e de seus semelhantes, na tentativa de recontar e dar um novo sentido a suas vidas. A escrita de Conceição Evaristo e a voz que ecoa de “*Olhos D’água*” é uma aposta que vai de encontro a esse novo sentido e contra as vozes e discursos que até então imperavam no meio literário nacional.

Conceição Evaristo possui um discurso que busca resgatar e expor as vivências negras, a ancestralidade, elaborando, além disso, a autorrepresentação da mulher negra na literatura nacional, contribuindo com o surgimento de novos pontos de vista sobre a história do país e sobre a importância da mulher negra, que nos textos dela se mostra livre dos estereótipos negativos tão evidentes ao longo da nossa literatura, pois, como afirmou Fanon: “O negro, em determinados momentos, fica enclausurado no próprio corpo”. (FANON, 2020, p.186). Em diversos momentos, o negro fica aprisionado em seu corpo, em um corpo desconhecido, criado culturalmente pelo branco. Nem mesmo é possível para o negro resgatar resquícios de suas memórias antepassadas, pois estas estão soterradas pela historicidade escrita por mãos brancas.

Afinal, quem tece nossas memórias? Aqui, é Conceição Evaristo quem faz esse resgate. Em “*Olhos d’água*”, ela apresenta as memórias do povo negro, da mulher negra, colocando-a em destaque e em posição de protagonista. Ser o ator principal de suas próprias narrativas não é comum quando o negro é mencionado nas obras, especialmente nas canônicas. Há, em Evaristo, a memória do negro, da dor do negro e, ao mesmo tempo, o testemunho do crime do branco. Há, na literatura de Conceição Evaristo,

uma crítica feroz à sociedade, pelo lugar que relegaram aos negros na sociedade brasileira, e o lirismo presente surge, apenas, para apresentar de forma ainda mais acentuada a dor da condição dos despejados, dos indesejados e dos desterrados.

Ancestralidade e Identidade em “Olhos D’água”

Em “*Olhos d’água*”, conto que abre e dá nome à coletânea publicada em 2014, vencedora do Prêmio Jabuti (2015), Conceição Evaristo resgata a ancestralidade africana e vai em busca das raízes familiares, mas também identitárias que se escondem por detrás da pergunta: “[...] de que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2016, p. 15). Fazendo uso desse questionamento, a autora segue o enredo da infância à fase adulta, rememorando a presença materna diante de infortúnios, como a pobreza, a miséria, a fome e as grandes dificuldades para prover sua família.

O conto inicia quando a narradora-personagem acorda atormentada por esse apagamento (não lembrar a cor dos olhos de sua mãe), confusa por estar em um lugar que não remetia às suas origens. “Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando [...]” (EVARISTO, 2016, p.15).

Percebe-se que a narrativa remete muito à experiência autobiográfica da autora. A voz narrativa ressalta a imensa significância não só de sua mãe como também de tias e outras parentas e de toda uma linhagem feminina que remonta à África: “[...] já naquela época [a infância] eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a vida com as pró-

prias mãos, palavras e sangue” (EVARISTO, 2016, p.18).

No conto, é recorrente a pergunta feita pela narradora: “De que cor eram os olhos de minha mãe?”, que segundo a nossa análise, é o fio condutor da narrativa, exigindo da personagem a tomada de consciência de sua identidade perdida. Para tanto, é necessário que ela faça uma viagem retornando à sua cidade natal, que simbolicamente é retorno às suas memórias de infância, às suas divagações de criança e às reflexões de adulta. Falar de espaço (casa), territorialidade é remontar ao simbolismo de estar ligado irremediavelmente a memórias, sentimentos e desejo de pertencimento, de estar conectado a uma construção tanto de identidade social e também ancestral, como demonstra a passagem que segue: “Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. [...] Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família.” (EVARISTO, 2016, p.18).

Essa ancestralidade reivindicada e demarcada no conto, reforça premissas de uma identidade sociológica, que, segundo Hall, vai preencher um espaço entre o interior e o exterior, respectivamente simbolizados pelo mundo pessoal e o público, que permitem nos projetarmos em identidades culturais que, de alguma forma, consumimos e internalizamos, a fim de ocuparmos determinados lugares no meio social e cultural. A identidade costura o sujeito à estrutura (HALL, 2005, p. 11). E justamente por se encontrar distante das mulheres da sua família, e por conseguinte de referenciais identitários, que a narradora precisa retornar às suas origens, devido à necessidade angustiante de descobrir/relembrar a cor dos olhos de sua mãe. Lucas Toledo de Andrade, em seu artigo “Ancestralidade, me-

mória e autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira contemporânea em Olhos d’água de Conceição Evaristo”, faz referência a tal fato:

O assombro da narradora em não se lembrar da cor dos olhos da mãe a leva a rememorar a infância, a perceber o modo como a sua história se confunde com a da mãe uma constatação que a filha dela também terá no fim da narrativa, uma vez que os olhos dessas mulheres são olhos d’água, olhos de prantos, olhos de choro, que podem representar, em última instância, olhos de uma história de sofrimento, renúncias e dor pelo fato de serem mulheres e negras em um país tão excludente e preconceituoso quanto o Brasil. (ANDRADE, 2018, p. 9)

Reconhecer essas mulheres e a importância delas em sua formação é reconhecer a si mesma, e também redescobrir-se. Mais do que prestar homenagem a essas mulheres, essas recordações revelam a busca pela própria identidade; nesse contexto, pode-se pensar na questão identitária, partindo de HALL (2005). Dessa forma distante da terra natal de suas ancestrais, a narradora encontra-se no que o autor define como tradução. Para ele, esse

[...] conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas detêm fortes vínculos de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. (...) Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias pelas quais foram marcadas (HALL, 2005, p.88-89).

Antes de a personagem fazer sua viagem de retorno e reencontro aos seus vínculos ancestrais e identitários, ela narra suas lembranças de infância: passagens apoteóticas, altamente líricas e poéticas da narrativa evaristiana, apesar de revelar um mundo

cruel, injusto, triste e desigual, a maneira como o descreve parece abrandar as agruras vividas por ela:

Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. (Evaristo, 2016, p.16-17).

Nessa passagem, nas histórias da infância da mãe, ouvia-se a voz do passado, do ancestral. A mãe transforma-se num mar de memórias, que se entrelaçam às memórias da narradora-personagem. Apesar dos problemas econômicos e sociais, emerge a imagem de uma mãe que tudo fazia para que tais sofrimentos fossem minimizados, valendo-se, mais uma vez, do artifício da fantasia para enganar a fome: era nos dias em que não havia nada para comer que ela mais brincava com as crianças. As expressões metafóricas grifadas no trecho do conto revelam não só a escassez de alimentos, mas principalmente a escrivência poética e cortante da escritora.

Destaca-se no conto outra passagem que remete às brincadeiras da mãe da narradora:

Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora.

Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado...[...] Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. (EVARISTO, 2016, p.17).

Percebe-se que as imagens dispersas no texto por meio das expressões “Rainha”, “flores”, “reverência à Senhora”, “batíamos a cabeça”, “cantávamos”, “dançávamos”, remete o leitor aos rituais/cultos de Candomblé, com batuques e giras reverenciando o feminino sagrado, e Oxum é a Rainha a quem se homenageia, a quem se a quem se toma o *adobá* (o filho prostrar-se ao chão com gestos que variam de acordo com o sexo do orixá), a quem são lançadas as *insabas* (folhas/flores), para quem é dirigido o *xiré* (cantos, danças em roda). Ao apresentar o mítico-religioso, a narradora pode estar querendo conhecer o segredo e, no caso do conto em estudo, é conhecer de que cor são os olhos de sua mãe: a materna e/ou a mamãe Oxum. Ou melhor, querendo se (re)conhecer.

É válido ressaltar também as recordações da narradora vividas em momentos difíceis, principalmente para quem vive às margens de uma sociedade que nega moradia digna aos que mais precisam:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! (EVARISTO, 2016, p.17-18).

Apesar das dificuldades vividas pela família, em dias de fortes chuvas, o que sobressai na narrativa acima é a mãe-fortaleza, que, mesmo temendo por sua segurança e das filhas, envolvem-nas num abraço-proteção e com rezas balbuciadas traz o conforto e espanta o medo que ambas tinham de verem o barraco desabar sobre elas. O lamento-pranto da mãe se confunde com os da natureza. O simbolismo da mãe [...] está ligado ao do mar [...], na medida em que eles são, ambos, receptáculos e matrizes da vida. O mar e a terra são símbolos do corpo materno.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 580).

Após recordar-se dos detalhes minuciosos do corpo de sua mãe e dos momentos vividos com ela, mas não saber a cor de seus olhos, a narradora se recusa a ficar em uma posição de inércia e volta à terra natal. Apesar da aflição, dizia-se satisfeita, pois vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descobrir a cor dos olhos de sua mãe, diz a narradora:

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2016, p. 18-19).

O conto se encerra com a revelação da cor dos olhos da mãe da personagem: são “olhos d'água”, águas de Mamãe Oxum, a primeira Yalorixá do Candomblé, Mãe de amor, mãe da riqueza e da fertilidade. Guerreira, Mamãe Oxum é dona das águas dos rios, “[...] rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície” (EVARISTO, 2016, p.19). Há que se destacar que as águas são comparadas com o curso dos rios: “Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície.” Contemplar a vida pela superfície seria, nesse contexto, negar a busca de suas identidades, de suas origens, de seus ancestrais; ou talvez a voz da autora nos chamando à ação, uma negação ao ato de ficar à mercê de um sistema desumano que tenta omitir e calar as vozes negras, subalternizadas ao longo de nossa história.

A leitura do conto “Olhos d'água” destaca uma das principais características de Conceição Evaristo: sua poeticidade. Nota-se isso na escolha minuciosa da autora quanto ao uso de cada palavra e expressão, revelando a arte de seu fazer literário — sua escrevivên-

cia. Por meio da metáfora dos “olhos d’água” e da “simplicidade” do enredo do conto — a descoberta da narradora/personagem, a redescoberta do outro em si mesma: encontrar nos olhos da mãe, a cor de seus olhos, que reflete e refletirá os olhos da filha. Aqui, a autora, como em outros textos, evidencia o devir, a esperança do verbo esperar, que se reconfigura através do olhar da filha da personagem — uma criança.

Considerações Finais

A leitura do conto “Olhos d’água” foi uma oportunidade para constatar a importância de buscar entendimentos sobre os laços ancestrais e identitários que caracterizam o povo negro. A voz autoral da narrativa de Conceição Evaristo dialoga tematicamente com discussões que reportam à identidade negra e à ancestralidade, demonstrando, de forma poética e subjetiva, as relações com os tempos presente, passado e futuro, pois as imagens da infância da narradora-personagem, uma mulher negra, confundem-se com as de sua mãe e sua filha. São reveladas no conto suas formas de viver e ser; suas crenças, valores, sentimentos e verdades por meio das gerações (mãe-avó e neta), através da ancestralidade e acreditando sempre num futuro, num devir..

Conceição Evaristo traz, em sua escrita, um conceito criado por ela: a Escrivivência, que traduz as experiências vivenciadas pelos negros, sobretudo pelas mulheres negras e pobres. A escritora, através da sua escrivivência, imprime a marca daqueles que querem refletir o lado humano. Possibilita, assim, repensar a forma como é encarado o afrodescendente. Sua literatura é escrita de dentro para fora. Vem do fundo da alma e nos coloca como se estivéssemos sentindo, junto ao povo que fora escravizado e subalternizado, suas dores e as lutas enfrentadas

pelos personagens de “Olhos d’água”. Sua escrita é uma escrita viva.

Produções dessa qualidade e pretensão ensinam a importância de se valorizar as escrivivências, as experiências pessoais e coletivas de mulheres negras, que produzem conhecimento não só como alimento e cura para alma, mas, sobretudo, como ferramenta política, que têm o compromisso de visibilizar seus lugares, suas vozes e saberes, rompendo com um sistema que sempre tenta deslegitimar produções dessas escritoras.

Estudamos, lemos, escrevemos porque todos nós precisamos passar pelo processo pedagógico de rejeitar o racismo, o sexismo, o machismo, a homofobia e tantas outras doenças que corroem e apodrecem boa parte da sociedade. Por isso, a intelectual negra precisa ser uma militante ativa da palavra, assim como Conceição Evaristo é. Sem sombra de dúvida, a sua escrita cumpre com o legado de não permitir que as vozes diaspóricas negras sejam esquecidas, mas, antes, se propaguem como um belo e melodioso canto-denúncia, convertido em palavras-escrivivências...

Referências

ANDRADE, Lucas Toledo de. Ancestralidade, memória e autorrepresentação da mulher negra na Literatura Afro-brasileira contemporânea em “Olhos d’água” de Conceição Evaristo. *Revista Entrelaces*, v.1, n. 14, out/dez 2018.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, v. 31, p. 87-110, 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo

de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. In: **Carta Capital**. Rio de Janeiro, 13 maio de 2017. Disponível em: <[https://www.cartacapital.com.br/sociedade/](https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d)

[conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d](https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d)>. Acesso em 25 junho. 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Recebido em: 31/07/2022

Aprovado em: 03/09/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.